

# Notas Breves

## **Aristóteles em Coimbra<sup>1</sup>**

### **Um novo livro sobre os Conimbricenses** Francisco Malta Romeiras\*

---

**P**ublicado em Novembro de 2015 por Cristiano Casalini, professor de história da educação na Universidade de Parma e *visiting fellow* do Institute for Advanced Jesuit Studies do Boston College (2014-2015), *Aristóteles em Coimbra* procura «compreender os significados da didáctica conimbricense» (p. 17) a partir do estudo do ensino formal de filosofia no Colégio das Artes. Neste contexto, a análise do *Cursus Conimbricensis* revela-se a principal fonte de uma obra que pretende fortalecer o argumento de que a educação jesuíta pode ser uma das principais chaves de leitura para interpretar a «contradição insanável» entre o heroísmo das grandes viagens e martírios e «a tendência prática para a mediação, a adaptação, os bons negócios e a diplomacia internacional» (pp. 17-18), tão característicos da Companhia de Jesus.

No primeiro capítulo, centrado na controvérsia entre Diogo de Gouveia, o velho, e seu sobrinho André de Gouveia, são analisadas algumas das principais características do *modus parisiensis* e da sua vivência particular no Colégio de Santa Bárbara e é retratada detalhadamente a história do Colégio das Artes, desde a sua fundação, em 1548, até à entrega aos jesuítas, em 1555. Partindo da história da fundação da Companhia de Jesus e, mais concretamente, do seu estabelecimento em Portugal, o autor percorre os principais acontecimentos que antecederam a fundação do Colégio das Artes, destacando o papel de André de Gouveia como seu primeiro Principal; a importância da influência *bordelesa*, sobretudo nos primeiros anos; a competição entre tio e

---

\* Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, Universidade de Lisboa.

<sup>1</sup> Cristiano CASALINI, *Aristóteles em Coimbra. Cursus Conimbricensis e a educação no Collegium Artium* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015), 325 pp. ISBN 978-989-26-1057-3. DOI 10.14195/978-989-26-1058-0. (Preço: 20,14 €).

sobrinho; e a crise causada pela morte deste último, culminando nos célebres processos inquisitoriais de João da Costa, George Buchanan e Diogo de Teive. Examinando a fundação do Colégio das Artes no contexto europeu do surgimento do ensino secundário, Casalini realça que a instituição do curso de artes como propedêutico dos cursos maiores «inverteu de facto as relações entre o colégio e a universidade, tornando o primeiro no verdadeiro pilar do poder educativo em Coimbra» (p. 65).

No segundo capítulo, Casalini começa por defender que a escolha de um local, em vez de um autor, para o título do curso filosófico se pode interpretar, essencialmente, como uma estratégia de promoção de uma marca: a marca de uma cidade que se pretendia apresentar como «capital cultural de um país em rápido crescimento económico e ponte para o desconhecido» (p. 71). Partindo desta interessante tese, o autor continua a percorrer a história dos jesuítas em Portugal, iniciada no capítulo anterior, debruçando-se sobre a sua difícil «inserção no tecido político e social» (p. 75) (apesar do claro favorecimento real), e sobre o conhecido conflito entre Simão Rodrigues e Inácio de Loyola. Depois de expostos, em termos gerais, os principais acontecimentos que antecederam a entrega do Colégio das Artes aos jesuítas, são descritos os primeiros anos do colégio conimbricense e o programa do curso de artes, e é salientada a importância incontestável das obras de Manuel Álvares, Cipriano Soares, Inácio Martins e Pedro da Fonseca para a «formação gramatical, retórica e filosófica dos estudantes de toda a Europa» (p. 83). Neste capítulo, são ainda referidas algumas das principais polémicas em que se envolveram os jesuítas portugueses, dando-se particular destaque à influência de Luís Gonçalves da Câmara no desfecho negativo das negociações para o casamento entre D. Sebastião e Margarida de Valois e no conflito entre o Cardeal D. Henrique e D. Catarina. Apesar do peso diminuto que a historiografia tradicionalmente tem atribuído à delegação portuguesa na eleição de Mercuriano para Geral da Companhia de Jesus, Casalini considera que os jesuítas portugueses se terão empenhado contra a hipótese de ser eleito um cristão-novo, satisfazendo, assim, a vontade de D. Sebastião e do Papa Gregório XIII. No final deste capítulo, o autor entra timidamente na história dos *Conimbricenses*, à qual dedica maior atenção nos capítulos seguintes, e aponta a desproporção evidente entre professores e alunos no final da década de 1570

(24 professores para cerca de 1500 alunos) como um dos principais factores que terão despoletado, depois de várias tentativas frustradas, a edição de um manual de filosofia que «obviasse os problemas de tempo na economia didáctica do curso de Artes e que igualasse, por utilidade e valor, os outros produtos da cultura conimbricense» (p. 97). Casalini refere-se ainda à participação dos autores dos conimbricenses na discussão em torno da *Ratio studiorum* e integra a publicação gradual do *Cursus Conimbricensis* (1592-1606) no longo percurso que levou à versão final da obra magna da pedagogia inaciana.

O terceiro capítulo de *Aristóteles em Coimbra* é o primeiro inteiramente dedicado ao estudo dos comentários conimbricenses. Casalini realça a importância deste conjunto de oito volumes, publicados entre 1592 e 1606, com comentários a todas as obras de Aristóteles, com excepção da *Metafísica*, no contexto do ensino da filosofia no século XVI e apresenta-o como um curso adequado ao ensino médio, que elimina a necessidade do ditado e que põe em prática o *modus parisiensis* e que, acima de tudo, «é exemplar pela escolha cuidadosa do texto aristotélico a comentar» (p. 146). Neste capítulo, é narrado o longo caminho que levou à edição dos conimbricenses, sendo dada especial atenção: às obras que antecederam a sua publicação, nomeadamente as *Institutiones Dialecticae* (1564) e os *Commentarii in libros Metaphysicorum Aristotelis* (1577), de Pedro da Fonseca; à querela entre Fonseca e Luís de Molina sobre a prioridade no ensino e defesa da *ciência média* no contexto da célebre questão sobre a graça que opôs jesuítas e dominicanos; ao trabalho de Manuel de Góis após a sua nomeação para dirigir o projecto e à sua relação com Pedro da Fonseca que, «embora tivesse perdido a primazia» continuava «a vigiar atentamente os êxitos de Góis» (p. 140). Casalini salienta a importância do aparecimento da *Lógica Furtiva* (uma contrafacção editorial baseada nas lições de Gaspar Coelho) como um dos principais motivos que terá desencadeado a resposta de Sebastião do Couto e a conclusão do *Cursus* com a publicação do volume sobre a *Lógica* em 1606. As últimas páginas deste capítulo são dedicadas à análise dos diferentes volumes, numa perspectiva que os situa na transição entre o comentário medieval e a obra filológica humanista. O autor realça ainda que a finalidade do *Cursus* é didáctica e que a conjugação entre «a forma tradicional da

*quaestio* com a posse de uma capacidade dialéctica firme» (p. 154) está na origem do conceito moderno de ensino secundário.

Nos dois últimos capítulos, dirigidos a um público familiarizado com o *corpus* aristotélico, Casalini aborda «o problema do mestre» e «o problema da causa», respectivamente. No quarto capítulo, o autor expõe o problema levantado pelos *Segundos Analíticos* em relação à anterioridade do conhecimento, destaca os argumentos de alguns comentadores de Aristóteles, como São Tomás de Aquino, Henrique de Gand e Francisco de Toledo, e esclarece que a evolução que os «lógicos jesuítas traçaram rumo a um empirismo educativo e gnoseológico liberto do ditado de São Tomás» (p. 196) se cumpre com Sebastião do Couto. Neste contexto, salienta que a *Dialéctica* de Couto fornece «as bases para uma doutrina da educação que se baseia na experiência, na comunicação entre mestre e discípulo, e que de facto supera o aristotelismo com um aristotelismo mais radical, em que se desvanecem todos os vestígios inatistas (p. 210). No quinto e último capítulo, Casalini aborda o «problema da causa», com o objectivo de compreender «a relação filosofia natural/metafísica, o influxo das doutrinas de Fonseca, [e] a posição histórica do *Cursus* no processo de desconstrução filosófica da física aristotélica em direcção ao cartesianismo» (p. 216).

Focada no Colégio das Artes e no *Cursus Conimbricensis*, esta obra é de grande interesse para a história da ciência, da educação e da filosofia no início da Idade Moderna. Contudo, este interesse extravasa, em larga medida, estas áreas. É que além de integrar a história do Colégio das Artes e dos conimbricenses no contexto mais global da história dos jesuítas e das suas práticas educativas na Europa e de discutir alguns temas de especial importância neste período, como o estatuto da filosofia natural e da metafísica e a anterioridade do conhecimento, esta narrativa aprofunda também alguns dos principais actos em que se envolveram os primeiros jesuítas portugueses e interpreta-os à luz da história da Companhia de Jesus e da história de Portugal. Por isso, é uma obra também especialmente pertinente para todos os que se interessam pela história do estabelecimento da Companhia de Jesus e do nascimento da Província Portuguesa. De grande profundidade e de leitura acessível, *Aristóteles em Coimbra* afigura-se como uma obra de referência sobre os conimbricenses e o ensino de filosofia na Idade Moderna.

# ARISTÓTELES EM COIMBRA

Cursus Conimbricensis  
e a educação no  
Collegium Artium

CRISTIANO CASALINI

IMPRENSA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

